

A PATRIA

Orgão dos interesses da colonia brasileira no Rio da Prata

Administração: Calle Florida 80.

Montevideo -- Quarta-feira 28 de Outubro de 1885

Diario da manhã-Anno VII - Num. 1900

A PATRIA
publicação diaria e da manhã. — Sabe pela
typographia do seu nome.

DIRECTOR: PASSIO A. FARINHA.

IMPRESSÃO: "PATRIA", N. 111

CONDIÇÕES

Assinatura mensal nesta cidade. . . \$ 1.20

PARA FORA

Semestre. . . \$ 8.00

Anno. . . \$ 15.00

Numero do dia. . . 0.10

atrasado. . . 0.20

ASSIGNATURA E SELLO PARA O RIO DE JANEIRO

Semestre (moeda papel réis). . . \$ 198.00

Anno. . . \$ 368.00

PAGAMENTO ADIANTADO

NOTAS

As assignaturas devem sempre concluir no fim
de Março, Junho, Setembro ou Dezembro, preferi-
do começar em qualquer dia.
A correspondência deve ser integralmente selada,
sem o que não será retirada do correio.
Não se devolvem originaes ainda que não sejam
publicados.

AGENTES

NA

Campanha e Exterior

LOCALIDADES	NOME DOS AGENTES
Alegrete.	Freitas Valle & Jacques.
Araçatuba.	Antonio Macdonald.
Araxós.	Francisco Formoso.
Araxós.	Manoel Pereira Brasil.
Artaxos.	Imael Velazquez.
Avestruz (Cerro Largo).	Martinez & Marin.
Bagé.	João Pelet.
Bomfim (Cerro Largo).	Zetorino Meneses.
Campanha (Tanguá).	João B. Romero.
Canilada Brava (Cerro Largo).	Manoel Ign. Machado.
Cerro Largo.	Manoel Sôfiora.
Clay (Rioha).	Leon Ventura.
Cerro de Pereira (Tangá).	Antonio Carreiras.
Coronel (Durazno).	Souza, Iriarte & C.
Corrales (Tanguá).	Segundo Soeira.
Cuchillada Palma (Tangá).	João Maria Prado Pereira.
Cuchillada Grande.	João Menino (casa de Pinto & Ca.).
Cuchilla do Pereira (Tangá).	Fernando Riet.
Cuchilla (Salto).	João Jacobino Osorio.
Cuchilla Negra (Salto).	Amilal José de Souza.
D. Esteban (Fabrica Liebig's).	Luiz Mayer.
Frailé Muerto (Cerro Largo).	João F. Varela & C.
Galleguichá (R. A.).	A. Araújo Silva.
Iajuy.	Cordeiro Junior & C.
Jaguarião.	Marcelino, Leitão & C.
Jaguary (Dep. Rivera).	Juan Guell.
Lisboa.	Dr. Silva Gama. — Largo de S. Sebastião da Pedreira n. 51.
Malonado.	Silveira da Costa Pereira.
Marmarajá (Minas).	M. Montañón Junior.
Monte Caseros.	José dos Santos Pereira.
Palma Sola (Salto).	David C. de Barros.
Paris.	P. Joly & J. Martin.
Payandé.	Paulourg Poissonnier.
Payandé.	Mariano Comas.
Payandé (D'no).	Manoel Bilha.
Polanco de Rio Negro.	Baltazar Romero.
Porto Alegre.	L. de Vasconcelos Ferreira.
Quezany (Payandé).	Laurindo J. da Silva.
Razon de Urutana (Cerro Largo).	Ramiro E. Silveira.
Rosario Oriental.	Manoel Silva.
Salto.	Guimaraens & Echeverry.
Salto.	Antonio Maximino.
Sancti Spiritus.	Gordiano Varco.
Santa Anna Livramento.	José da Silva Marques.
Santa Cruz (Cuchilla de Largo).	Marcelino Benvidor.
Serra de Arceiz (Dep. de Rivera).	Leonardo E. dos Santos.
Serrilha (Fronteira).	Leonardo J. P. Gracel.
S. José (R. O.).	Major J. Eduardo Pacheco de Andrade.
S. João Baptista do Quary.	Pedro Amonte.
S. Vicente de Castilho.	Magalhães & Gonçalves.
S. Jorge.	Imael J. Vargas Gilca.
S. Eugenio.	José Machado & C.
S. Francisco.	Simão Soares.
S. Francisco.	João Joaquim de Souza.
Tapiá (Salto).	Manoel Alacal.
Tres Cruces (Tanguá).	Eufemio Bogasama.
Trinidade.	Baldino Lima.
Tromero (Florida).	Massaro & Canio.
Uruguay.	Paulino & Freitas.
Uruguay.	Carlos Brogio.

EPIHEMERIDES

QUARTA-FEIRA 28 DE OUTUBRO

(159). restabelece-se o Governo dos Medicis em Florença—1623, tomada da Rochella pelo exército de Richelieu—1670, morte de Desmarts de Saint-Sorlin, poeta francez—1749, morte de Anna Ivanowna, Imperatriz da Russia—1788, morte do Musurus, escriptor allemão—1857, morte do general Eugenio Cavaignac.

BRASIL.

1637, Pedro Teixeira sahe em exploração da Amazonas.

A PATRIA

MONTÉVIDÉO 28 DE OUTUBRO DE 1885

Carta do Rio

Rio de Janeiro, Outubro 22 de 1885.

Sr. Director da Patria:

Estou sciendo do barulho que ali causou o telegramma que lhe enviou sobre o tempo que declinou o governo a favor do protagonista do Paso-Hondo. La Razou foi injusta, porém satisfaz aqui a acerta- tização recificação a que a forçou a Patria, em honra dos sentimentos leaes do nos- so paiz. El Siglo, disendo que esperava confirmação, mostrou estar em attitudi- duvidosa a respeito das suas crengas po- liticas, e ainda mais, quando, além des- sas linhas, nada mais disse sobre o as- sumpto, deixando seus leitores na mes- ma. La Nacion foi infeliz na defeza, nem havia possivel, a unica calar-se, porém aqui muito se tem apreciado a attitudi- do seu jornal e um ministro chegou a exclamar, depois de ler os artigos que publicou: *Assim se defende a sua paiz!*

O facto é certo, certissimo, garantido, tenho provas, e tambem tem sido grande a sensaçao do acto do Imperador, que foi tão benigno para o Sr. Joaquim San- tos e tão rigoroso para com o Sr. Eduar- do Callado!

Passou-se por cima da lei, para ser agradável ao *Club da Cupa*. Foi porém contra-producente o acto, porque o de- mitto tem recebido muitas provas de consideração da pessoas distintas desta sociedade, que lamentam a attitudi- contraditória de revelar ira onde era applicavel a benignidade, e este sentimento quando era justo manifestar aquelle.

O Imperador sahio dos seus habitos e nesse arranque de sentimentos encon- trados, acaba de praticar um acto mais que demonstra o peso de sua mão em certos factos que reclamam justiça: mandou processar a quatro vereadores da camara d'esta capital, chegando a fa- zer o ministerio do Imperio passar uma portaria ao promotor publico e da qual transcrevo estes periodos:

«Que effectivamente eram impostas no matadouro contribuições não esta- belecidas por lei nem por deliberação da Ilhma. Camara, approvada pelo gover- no»;

«Que eram ellas cobradas por José Alves Arantes, Belchior Pimenta de Abreu, Reis & Oliveira e Carlos Fro- ment, unicos a quem foi permitido, com infracção do regimen estabelecido na cidade portaria, abater o gado dos cria- dores, boiadeiros e invernistas»;

«Que as quantias eram pagas não só por boiadeiros, invernistas e criadores, que não consignavam os seus gados aquelles intermediarios, mas ainda por marchantes e açougueiros, que neces- sitavam de carne para o seu commercio»;

«Que as quantias ilegalmente cobra- das eram distribuidas entre os vereadores Drs. Joaquim José da Silva Pinto e Charivaldo Alves Chavantes, bacharel Henrique José do Carvalho e José Me- relles Alves Moreira, que as recebiam por differente modo»;

«... A vista destes factos, que cons- tituem delictos previstos na legislação criminal, ha por bem Sua Magestade o Imperador suspender da exercicio das respectivas funções os referidos vereadores e o director do matadouro, e man- dar que sejam elles responsabilizados na forma da lei — *Bando de Mamon.*»

Se a época é de regeneração, venha ella em boa hora!

De politica nada do particular.

Consta que o Presidente da provincia do Rio de Janeiro está amuado com o Mi- nistro da Marinha, e que talvez deixo a presidencia, porque resistio fazer a ren- ção.

— Quanto á diplomacia, sei que o Im- perador resistio, apesar do forte pedido do alquem, mandar para S. Petersbourg o Barão do Itajubá. Posso garantir-lhe que haverá brevemente grande mudança diplomatica e n'este momento combina- se o movimento que vai ser praticado. Para ali irá um ministro de primeira ordem, e como consul geral o Dr. Arthur do Macado, que como já lhe mandei di- ser, é o candidato mais provavel, dos muitos pretendentes á esse logar.

E já que me occupo da diplomacia, de- vo dizer-lhe que tem intrigado a muita gente a disposição do Ministro do Es- trangeiros onde aconsella aos diploma- tas, consules e vice-consules que não aceitem posto algum do delegado em corpos sociaes. A esse respeito, o com- mentando a tal circular, escreveu estas linhas o *Pais* do 18, na secção *Temas do dia*, que disse está a cargo do talento- so periodista Sr. Joaquim Serra. Estas lin- has tem a qui sido muito lidas, chama- do assumpto de que tratam, a attenção geral por prestar-se elle á conversações.

Elas são:

«O illustre presidente do conselho, no caracter do ministro do estrangeiros, está conversando com os diplomatas na- cionaes por meio de circular não reser- vada».

S. Ex. governa a sua casa, está em seu pleno direito, e, a nosso ver, os con- selhos que dá ao corpo diplomatico são de bom porte excellentes amigos.

A parte fundamental da palestra é o seguinte:

A diplomacia não se deve metter em negocios.

Vá a festas, divirta-se, danse o coti- llon, corteje o bello sexo, e, se for pos- sivel, trate um pouco das numerosas cou- sas que temos que tratar no estrangeiro.

Em negocios, propriamente ditos, porém, não se metta a diplomacia, que pó- de pagar as custas...!

Sahia o chefe da legação e transmitia ao secretario e aos addidos, até mesmo aos de 2.ª classe, que faz mais ver o car- go de agente da companhia ou do dele- gado da sociedade quando exercido por quem só deve tratar de representar essa grande associação politica chamada o Brasil.

Ha nada mais extraordinario do que um enviado extraordinario accumulan- do funções como empregado em escrip- torios commerciaes?

E tornar muito ordinario o papel do enviado, ou antes de enviar o papel para o archivo das contas correntes de em- prezas que pagam salario.

O nosso diplomata tem muito em que se occupar: não faça nada, que nem por isso soffrerá choque o equilibrio eu- ropeu.

Nem por sombras pense, entretanto, elle no equilibrio do se orçamento, acen- tando nomeações que o acerbitem nas casas que fazem operações de credito.

A credencial é coisa muito fina, pelo que, se algum diplomata já recebeu no- meação de tal especie, rejeite-a quanto antes, e não caia em tola.

E a circular prosegue nessa toada, re- petindo os mesmos conselhos aos con- sules e vice-consules, cada vez mais ex- pansiva e ostensiva nas columnas da fol- ha official.

O que terá havido pelo mundo diplo- matico de modo a ser necessario o am- boso lembrete do illustre ministro de es- trangeiros?

Ahi ha causa por força: estralada que ali não estralou, ou que mais tarde ecoará nas terras do Capricornio.

Não é presumivel que, estando as cousas todas muito direitinhas, viesse o chefe da diplomacia brasileira passar assim a mão pelo pello dos diplomatas nacionaes, e tão desastrosamente que, em vez de alisar, atrepiou o supracitado pello!

cular, que será por força, uma repro- henção a algum?

— Ando mysterio nisso.
O governo central quiz varrer a sua testada.

Quem foi, que soujou a da legação bra- sileira no estrangeiro?

Dovo existir algum sujeito occulto ro- gendo esta oração diplomatica tão escan- carada.

A publicação da historia da direito a estas interrogações.
— Depois disto dou-lhe na forma do costume o meu adeos, o adé outra. Seu amigo.

O Correspondente.

ACTUALIDADE

Mais denuncias

Em um artigo que publica o nosso collega *La Razou*, no seu numero do 26 do corrente, o que trata da celebre ques- tão sobre denuncias de terrenos fiscaes em que se acha envolvido o Sr. Artega, as que são já do dominio publico, leu- mos ainda estas linhas, para as quaes chamamos a attenção dos interessados:

A las seis fracciones descriptas en nues- tro articulo del jueves deben agregarse las siguientes:

SÉPTIMA FRACCION — *Departamento de Tacuarembó*—Escrituras de 26 de Mayo á favor del Dr. D. Leopoldo Artega.—Una fraccion entre Tacuarembó Chico y Arroyo de la Tranquera y Saucé; por la otra la cuchilla de Santo Domingo de Haedo; por la otra Tacuarembó Grande y finalmente el Cerro del Ombú, arroyo de las Veras y vertientes del Cerro del Ombú al arroyo Clara, y tambien las fracciones contiguas á lindantes con es- cepcion de las 22 leguas vendidas por el Gobierno á D. Cristóbal Salvañack.

OCTAVA FRACCION — *A D. Francisco Artega en 12 de Marzo de 1885* — Una fraccion cuyos limites fueron rectifica- dos por instrumento pasado por el Go- bierno en 20 de Marzo del mismo año, y son los siguientes: al Norte, Tacuarembó Chico; al Sur, la Tranquera; al Este las Chacras del Egipto de San Francisco y por el Oeste la Cuchilla de Haedo. Area 15938 hectáreas y 2236 centiares.

NOVENA FRACCION — *A D. Leopoldo Artega en el Departamento del Salto en 27 de Marzo de 1885*—Una fraccion que linda por el Norte, con el Arroyo Grande y Valentín, fondos al Rincon; al Sur, campo de Horacio Piegas, hacia la cu- chilla; al Este Arerunguá y Cañas; al Oeste Manuel Piegas y el arroyo Valen- tín. Area 18,594 hectáreas 6,018 cen- tiares. (Artega realizó estas tierras).

DÉCIMA — *Al mismo Artega en 28 de Abril de 1885* — Cuatro fracciones posi- das por Manuel da Cruz Piegas.

NOTA — Artega y los socios realizaron tambien estos campos.

UNDÉCIMA FRACCION — *Departamento de Tacuarembó* — Se lo dió a don Francisco Artega por escritura pasada ante el es- cribano del Gobierno, en 9 de Setiembre de 1885, dos fracciones: una entre Tacuarembó Grande y Yaguarí, formando el Rincon que denominamos el Bello.

DODÉCIMA FRACCION — En el propio Tacuarembó Grande Sierra de Arerunguá y arroyo de los Corrales.

Como la lista tiene visos de ser inoga- table, la iremos aumentando á medida que vayamos arrancando á esta nego- ciación secreta sus mas intimos miste- rios. . .

ECHOS DO BRASIL

Senado

Discurso pronunciado na sessão de 11 de Setembro

ELEMENTO SERVID

O Sr. Christiano Ottoni — Sr. presi- dente, não ouvi em a leitura do requie- rimento. E do adiamento?

O Sr. Presidente — Não, senhor; não pôde ser de adiamento á vista da dispo- sição regimental.

frío, polido e severo quando estavam a sós. O seu prozel foi tão habilmente calculado que foi todo por todos que o rodeavam como um marido modelo.

A marquez não teve a menor suspei- ta. Estava habituado á galanteria e á ma- nifestação dos seus affeitos da sua vida. Além d'isso o marquez de Baubien não a *culhava* com mimos e effusões. Achou pois, que os noivos eram felizes e deu-se por muito satisfeita.

Completamente tranquillizada, partici- pava que regressava a Paris, onde se installara seu filho Octavio desde o mez de Janeiro.

Fiel ás suas theorias egalitarias, o Joven marquez resolveu alisar para o canto os braços e adquirir uma boa clientela como advogado.

Clara ficou, pois, a sós com seu ma- rido. Via-o apenas á hora das refeições. Depois do jantar conduzia-o ao salão, sentava-se cinco minutos, levantava-se em seguida, comprimentava-o e retirava-se aos seus aposentos.

O Sr. Christiano Ottoni — E' que sobre o adiamento ou não desejaria fallar.

O Sr. Presidente — Está em discussão a materia do projecto.

O Sr. Christiano Ottoni — Nunca Sr. presidente, um incommodo do *Sando* me prejudicou tanto como o que hontem me reteve em casa, o do que não estou bem restabelecido. Faça V. Ex. idéa: eu ti- nha publicado em 1871, ha quatorze annos, o folheto em que concentrei tudo quanto me pôde occorrer sobre a ques- tão que então se agitava, o que hoje vol- ta á tela dos debates. Ora, nunca tive a pretensão de ter descoberto a polvoras mas tinha a validade da ter escripto no tal folheto alguma cousa nova, e não dol- via da magoar o meu pequeno amor proprio a indifferença com que fui acol- hido; ninguém me tinha feito a honra de refutar.

Hoje, porém, lendo o extracto do dis- curso do nobre senador por Minas que se senta na montanha desta lado, vejo que se occupou largamente com o meu pobre folheto, citou e leu numerosos tre- chos, refutou-os, mostrando os meus erros, as minhas contradicções. . . E eu tive a desgraça de não assistir a este triumpho, embora tardio!

Infelizmente o nobre senador não jul- gou conveniente communicar ao extra- ctado do discurso os trechos que leu.

O Sr. Martinho Campos — V. Ex. es- perou pela publicação integral do dis- curso.

O Sr. Christiano Ottoni — Eu estou de accordo neste ponto; espero a publica- ção integral do discurso e provavelmente na 3.ª discussão terei occasião ou de responder-lhe ou de dizer o *prout me pesca*. Por ora só posso dizer em geral sobre as contradicções que é verdade, que sobre esta questão tenho por vezes modificado minhas opiniões. . . mais aprecio mais estas mudanças, do que a insistencia do nobre senador que parece maior coherencia, do que emperamento e idéa fixa.

Da outro ponto do discurso me dá idéa mais clara o extracto.

O Sr. Martinho Campos dá um aparte.

O Sr. Christiano Ottoni — Eu não pos- so cobrir a sua voz, não tenho fortes pul- mões, ando doente; peço-lhe que me deixe fallar.

Outro ponto, dizia eu, o extracto do discurso me habilita a responder: é a censura fulminante que me faz o nobre senador porque pretendo, na opinião do Sr. Ex. multiplicar os partidos existentes criando novos a meu arbitrio.

Este meu supposto capricho foi puni- do por Sr. Ex. com uma resposta lacô- nica, fulminante em poucas palavras e que não foi senão o emprego de um dos recursos que lhe aconselha a sua longa experiencia e tactica parlamentar da qual deriva magníficos subsidios a seu ta- lento.

Quem não pôde trapacear. Quando a asserção que o nobre senador quer re- futar não é refutavel, recorre elle a um arsenal do expediente da tactica. Lança mão ás vezes a um gracejo, nunca inju- ria ou insulto, que lhe vedam a sua educação e intelligencia: é um dito es- pirituoso que faz vir á vista do adversa- rio, o qual fica desconcertado. Disto recurso o nobre senador usa facilmente e frequentemente porque como o senado sabe o nobre senador é muito engra- çado.

O Sr. Martinho Campos dá um aparte.

O Sr. Christiano Ottoni — Tem S. Ex. outro recurso da tactica parlamentar já empregado, o tem contra mim e consis- te em fulminar o adversario com uma apostrophe; ás vezes um palavrão, sem- nexo algum com o debate, o que por isso não se entende bem; mas partindo de quem parte, presume-se que ha do ser por força uma agudeza. Os espirites se desviam o suspendem-se, e o adver- sario fica encastrado.

Em certa occasião eu procurava ven- cer o senado ou ao menos a alguns dos seus membros que nesta questão do elemento servil, prescindindo da alforria por dinheiro, não era difficil organizar um plano de emancipação gradual com certeza de extincção no prazo de 7 annos, consagrado na lei de 28 de Setembro, li- bertando annualmente certa porcenta- gem, deixando a escolha dos libertandos a entregar-lhe.

Em que pensaria elle durante esse processo prolongado e quasi inconscien- te? Quas idéas o absorviam durante essas longas horas solitarias? Clara daria muito para o saber.

Como não era mulher que tendo um dos joos se contivesse por muito tempo, uma noite em que Felippe se despediu, como de costume, disse-lhe sem pream- bulos:

— Que faz o senhor, só, acordado até alta noite?

— Examinando as minhas contas ataza- das, respondeu tranquillamente o dono da fortas. A proposito, tenho uma quan- tia a entregar-lhe.

nos senhores dos escravos, o que era pa- ra elles uma preciosa concessão.

O Sr. Martinho Campos — Não apoia- do.

O Sr. Christiano Ottoni — Era a minha idéa, deixando a escolha aos senhores, o que considero preciosa concessão.

O Sr. Martinho Campos — Não apoia- do.

O Sr. Christiano Ottoni — . . . o man- tendo inalteravel, cousa sempre impor- tante, as relações entre o senhor e o es- cravo até a hora da alforria. Emitta ou esta idéa quando responder-me o nobre senador com este aparte: — nem todas as republicas do mundo podem convec- ner-me.

O Sr. Martinho Campos — V. Ex. con- testava minha opinião e então eu disse quemem todas as republicas, não me refo- ri á V. Ex., referi-me a todas, mas fariam mudar da opinião.

O Sr. Christiano Ottoni — . . . Bem con- tinuarei: sou forçado a calar-me todas as vezes que o nobre senador quiz fallar, porque como já disse não tenho pulmão para dominar a sua voz e ir pro- seguindo, fal-o-hia se pudesse.

O Sr. Martinho Campos — Da uma aparte.

O Sr. Christiano Ottoni — Se me en- ganei dizendo que era quem estava na tribuna, isso muda a questão: seria a al- guns apartes meus que S. Ex. deu esta resposta: *Nem todos as republicas do mundo são capazes de convencer-me.*

O senado entenda? . . . nem eu.

Não sou plenipotenciario da nenhuma republica e menos das todas as republi- cas do mundo, aqui não temos republi- ca; a minha acaba S. Ex. do dizer que não alludio; a que vieram então as republicas do mundo (Tactica, bomba, pa- ra desconcertar o adversario?)

Um mestre desta tactica era o finado Visconde de Jequitinhonha.

Depois de 7 de Abril, discutindo-se na camara um projecto do bannimento do Pedro I; sustentou o Visconde do Ja- quitinhonha que ainda em nenhuma monarchia do mundo se havia promul- gado um acto semelhante bannindo um rei, embora destronado. Respondendo, Evaristo da Veiga leu o decreto francez que banniu os Bourbonns depois do 1830. Estava perfeitamente representada a as- serção do 1.º orador; mas esta era im- pertinavel: «Do que data é a lei? per- guntou. — De data de tal mez. — Está respondido. E retirou-se triumphante. Tive tanto valor esta resposta como a de todas as republicas do mundo.

Hontem empregou o nobre senador contra mim recurso semelhante.

Eu tinha dito o sustento que os desor- dens parlamentares que temos presen- ciado em 1885 na camara temporaria tem sua origem na anarchia eleitoral da 1.ª de Dezembro.

O Sr. Martinho Campos — Não apoia- do.

O Sr. Christiano Ottoni — Não pretendo convencer disso ao nobre senador.

Accrescentei que para essa anarchia eleitoral contribuíram ou antes a deter- minaram os chefes politicos que influ- iam nas eleições, porque não lavaram as urnas como criterio eleitoral, confor- me entendo que era seu dever, o pro- gramma do ministerio Dantas.

O Sr. Martinho Campos — Elles enton- deram da outra maneira.

O Sr. Christiano Ottoni — Não falléi segundo que ellos entenderam, mas se- guindo eu entendo; grande novidade!

Essa era a minha proposição que o nobre senador pretende refutar, mas comecei por dizer que eu quiz fundar um novo partido, quando eu fallava da evo- lução natural que traz a transformação dos partidos quando ambos os existen- tes estão divididos em uma questão co- mo esta que importa a libertação do um milhão de homens o que tem bastante força para decompor o recompor os partidos. Disse entretanto o nobre senador que eu queria fundar um novo partido, e então, recorrendo ao seu systema ha- bitual, accrescentou: «Como Rozas ou o Lopes do Paraguay.»

O Sr. Martinho Campos — E de Fran- cia.

O Sr. Christiano Ottoni — Desta vez percebi melhor á allusão: quando me achava na direcção da estrada do ferro

FOLHETIM DA PATRIA

GEORGE OHNET

O GRANDE INDUSTRIAL

(MAITRE DES FORGES)

XII

Passava todos os dias a sós com sua mãe. Felippe agora só vinha duas vezes entre dia e noite. Informava-se minucio- samente da sua saúde, perguntava se ti- nha algum desejo que elle pudesse satis- fazer-lhe, e depois de ter ficado cinco minutos sentado no pé do leito, afasta- va-se sem silencio.

Clara ficava a ouvir-lhe os passos até perderem-se ao longo nos aposentos. Esperava-lhe as visitas, achava-as mu- lto curtas e começava a irritar-se um pouco contra elle.

Achou, afinal, uma occasião de zan- gar-se e aproveitou-a com um descul- to infantil. Tivera a fantasia de querer flores no seu quarto. Havia-as a fallar nas estufas de Beaulieu.

A marquez entrou um dia com um grande ramilhete de admiráveis lilazes brancos. Pouco depois chegou Felippe e achou Clara respirando essas petalas odoríferas.

Observou docemente que o perfume das flores podia fazer muito mal á sua

(continued)